

CHARQUEADAS NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI: LEVANTAMENTO HISTÓRICO DA CHARQUEADA SANTA THEREZA (1897 – 1915) – BAGÉ, RS

Fernanda Codevilla Soares¹, Saul Eduardo Seiguer Milder²

- 1- Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas – LEPA, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Marechal Floriano Peixoto, 1184, CEP: 97015-372, Santa Maria, RS, codevilla2001@mail.ufsm.br
- 2- Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas – LEPA, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Marechal Floriano Peixoto, 1184, CEP: 97015-372, Santa Maria, RS, milder@mail.ufsm.br

Palavras-chave: História, RS, Charqueada

Área do Conhecimento: Ciências Humanas - Arqueologia

RESUMO :

Este artigo tem por objetivo realizar um levantamento histórico da charqueada Santa Thereza, situada no município de Bagé – RS. A charqueada foi fundada em 1897, inserindo-se no contexto histórico de fins do século XIX e princípio do século XX, o qual é marcado, internacionalmente, por um acirramento das rivalidades entre as potências imperialistas; e nacionalmente, por uma maior “dominação do capital e disciplina do trabalho livre”. A metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho pode ser caracterizada como: pesquisas em fontes primárias (entre elas artigos de jornais e revista do período) e pesquisas em fontes bibliográficas. O levantamento histórico realizado sobre a charqueada Santa Thereza apontou uma série de características que a historiografia sobre charqueadas, na sua maioria, não consegue apanhar. Nesse sentido, este trabalho chama atenção para a necessidade de estudos que tenham por objetivo uma melhor compreensão das charqueadas situadas no interior do estado (nesse caso Bagé) e distantes da área de escoamento da produção (como Pelotas ou Rio Grande situados próximos ao porto), e sobre as charqueadas cuja mão-de-obra constituiu-se o trabalhador livre (e não o escravo negro).

INTRODUÇÃO:

Este trabalho tem por objetivo realizar um levantamento histórico da charqueada Santa Thereza, situada no município de Bagé – RS. Nesse sentido, o trabalho propõe-se a pesquisar nas fontes primárias (como artigos de jornais e revistas do período, e nos apontamentos históricos e estatísticos de Bagé) informações sobre: sua fundação, proprietário, mão-de-obra, estrutura, capacidade de abate, maquinaria, matéria-prima etc.

Paralelamente ao levantamento das fontes primárias, tornou-se necessário o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de compreender o contexto histórico no qual a charqueada inseriu-se. Dessa forma, autores como Sandra Jatahy Pesavento, José Hildebrando Dacanal, Helga Iracema Piccolo, Vanda Rocha Corsetti, Cláudio Antunes Boucinhas e outros foram consultados.

Assim, a partir da pesquisa documental e bibliográfica foi possível averiguar que a Charqueada Santa Thereza foi fundada em 1897, inserindo-se no contexto de fins do século XIX.

Os séculos XIX e XX podem ser caracterizados, internacionalmente, por um acirramento das rivalidades entre as potências imperialistas do período [1] e, regionalmente, como propõem a autora PESAVENTO (1988), por uma maior dominação do capital e disciplina do trabalho [2].

Nesse contexto, o texto propõe-se a realizar um apanhado sobre as características históricas da charqueada Santa Thereza, inserindo-a no contexto do século XIX e séc. XX e um levantamento biográfico sobre o proprietário da charqueada: Visconde de Magalhães.

A CHARQUEADA SANTA THEREZA:



Fig. 1 : Estruturas remanescentes da Charqueada Santa Thereza.

A Charqueada Santa Thereza situa-se na margem direita do Arroio Quebrachinho, 5,5 Km do município de Bagé.

A história do município é marcada pela grande propriedade de terra e pela criação de gado. O povoamento inicial da área deu-se pelo processo de doação de sesmaria aos soldados que participaram da conquista do Forte Santa Tecla em 1801. Entretanto, a ocupação efetiva do município ocorreu a partir de 1811 com a denominação de Povoado São Sebastião de Bagé.[3]

A primeira charqueada em grande escala foi instalado no município em 1808, sendo denominada de Companhia Industrial Bageense, até então, o gado criado em Bagé era levado para Pelotas e Montevidéu. [3]

É importante ressaltar, que o proprietário da charqueada Santa Thereza (Visconde de Ribeiro Magalhães) tornou-se em 1891 acionista da Companhia Industrial Bageense e arrendatário da mesma em 1904.

Em 1907 realizou a compra da charqueada Companhia Industrial Bageense, incorporando-a as suas posses.

A segunda charqueada em grande escala do município foi a Charqueada Santa Thereza, fundada em 1897, cuja capacidade de abate da 1^o safra era de aproximadamente 40.000 reses, sendo que, depois da anexação da Charqueada Companhia Industrial Bageense, passou para 45.000 reses. A média anual de abate girava em torno de 94.600 reses.

Os dados de abate da Charqueada Santa Thereza são importantes indicadores de sua relevância econômica para o município de Bagé e mesmo para o Estado do Rio Grande do Sul, destacando-se no comércio de charque desse período. Fato que pode ser observado pela fala de um dos funcionários da RFFSA:

*“Através do alto conceito do produto aqui fabricado, o charque era procurado e exportado para países da América Central, estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Alagoas, Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco e Belém do Pará. Era transportado por estrada de ferro até o porto de Rio Grande, daí embarcado em navios da Marinha Mercante para o seu destino”.*¹ (Informações orais)

Além da alta produção, a Charqueada Santa Thereza destacou-se quanto: a qualidade da matéria-prima (gado), maquinaria e estrutura do complexo da charqueada.

O município foi indicado por PESAVENTO (1980) como a cidade que mais possuía banheiros carrapaticidas pelo estado em inícios do séc. XX, os quais são responsáveis pela higiene do rebanho.[4]

Assim, o tipo do gado criado em Bagé apresentava um elevado índice de qualidade.

¹ Informações fornecidas por Gilberto Niemenznsky, funcionário responsável pelos assuntos da RFFSA em Porto Alegre. A RFFSA constitui-se na Rede Ferroviária Federal S/A, atual proprietária das terras da charqueada Santa Thereza.

Além dessa característica, se acrescenta o fato de que o Visconde de Ribeiro Magalhães (proprietário da charqueada) possuía estâncias de criação tanto no Brasil quanto no Uruguai, logo, tendo-se em vista a qualidade do gado uruguaio, as possibilidades de cruzamento de raças e contrabando, podemos entender o “alto conceito” do produto comercializado nesta charqueada.

Somando-se a essas preocupações, é importante acrescentar o investimento proporcionado pelo proprietário no que se refere a infra-estrutura do complexo da charqueada, o qual possuía: vilas operárias, energia própria, armazéns de abastecimento, restaurante, sapataria, barbearia, alfaiataria, serraria, Igreja, Sociedade Beneficente, Colégio e Teatro.

A charqueada tinha uma população efetiva em torno de 800 pessoas, com capacidade para empregar até 1000 pessoas, tendo-se em vista o número de casas materiais construídas, que era de aproximadamente 1000.



Fig.2 : Estruturas remanescentes das casas dos operários

Nesse sentido, a autora Sandra Jatahy Pesavento (1988) chama atenção para o fato de que a criação de grandes estruturas, assim como o procura de maquinaria e técnicas modernas de fabricação de charque, são aspectos próprios do setor fabril que começava a se afirmar nesse período no RS. [2]

Segundo PESAVENTO (1988), o aprimoramento das técnicas de fabrico, a utilização de maquinário moderno e a construção de estabelecimento como escolas, áreas para lazer, assistência social e habitação; “tiveram como efeito submeter o trabalho ao capital e atenuar o potencial político” (p.22) das massas de operários.

Conforme a autora, todas essas estruturas (como escolas, teatros, igreja, moradia para os operários etc) constituem-se “disfarces da dominação do capital”, ou seja, produzem o efeito do “bom emprego” e encobrem a exploração sofrida pelo trabalhador.

Nesse sentido, a Charqueada Santa Thereza enquadra-se no cenário fabril regional analisado pela autora PESAVENTO (1988).

Entretanto, para maiores conclusões sobre esse aspecto, é necessário um estudo mais aprofundado sobre as condições de vida e de trabalho da mão-de-obra utilizado na charqueada.

Em relação aos trabalhadores de charqueadas, a autora Vanda Corsetti realiza uma contribuição importante, na qual escreve sobre a mão-de-obra e as condições de vida nas charqueadas de Santa Maria, dedicando um espaço do trabalho para as relações entre trabalhadores livres e sua utilização como mão-de-obra em charqueadas.

Segundo a autora, praticamente não houve alteração nas condições de trabalho entre o escravo e o trabalhador livre. A autora justifica-se apontando as poucas condições para o desenvolvimento das charqueadas de Santa Maria e conseqüentemente, as baixas condições de trabalho e de vida de sua mão-de-obra. [5]

Conforme CORSETTI (1986), o patrão exigia tanto ou mais que o senhor de escravo. Não havia higiene, nem diminuição das horas de trabalho, o objetivo era manter as estruturas tradicionais escravistas nas novas relações assalariadas.

Porém, é importante compreender a existência de diferenças entre as condições de desenvolvimento das charqueadas de Santa Maria e das charqueadas de Bagé, as quais comportavam estruturas maiores e mais capitais investidos.

Assim, as observações feitas por CORSETTI (1986), em relação a utilização da mão-de-obra livre em charqueadas, não podem ser “transplantadas” para a realidade da Charqueada Santa Thereza, o que confirma a necessidade de um estudo aprofundamento sobre as condições de trabalho e de vida nesta charqueada.

Outro aspecto importante a ser estudado em relação a Charqueada Santa Thereza, constitui-se na sua posterior adequação para as modernas técnicas de refrigeração da carne, fato que ocorreu a partir do ano de 1912, quando o proprietário Visconde de Magalhães associou-se com a empresa britânica Anglo Brazilian Company Limited. Desse período em diante, a charqueada passou por uma série de transformações entre elas: a instalação de um matadouro, frigorífico, fábrica de sabão e velas, indústria de laticínios, indústria de línguas etc.

Além dessas transformações estruturais, a charqueada apresentou transformações econômicas, passando a funcionar com capital associado inglês e nacional, no qual o Visconde de Ribeiro Magalhães era sócio majoritário, participando com 23,75 % do total.

Segundo o autor René Rémond (1974), em fins do século XIX, “a maioria dos países [da América Latina] caem sob a dependência econômica da Europa. (...) Antes de 1814, era a Europa Ocidental que investia capitais na Argentina, no Brasil; era ela quem tirava os maiores lucros da exploração dos recursos do continente” . (p. 183)

Assim, o Rio Grande do Sul insere-se nesse cenário internacional sendo alvo das investidas do capital estrangeiro, como o que ocorreu na Charqueada Santa Thereza em 1912.

PESAVENTO (1980) explica que os investimentos estrangeiros desse período deram-se “nas regiões do mundo onde se encontravam as melhores, maiores e mais baratas reserva de gado e onde se pagavam aos operários salários mais baixos” (p.80)

Segundo a autora : “Tal processo correspondia a nova dinâmica da divisão do trabalho. Na medida em que se apresentavam necessidades de consumo nos países de economia central, que não podiam ser satisfeitas pela estrutura produtora destes países industrializados, começava a grande procura dentro das áreas periféricas daquelas regiões onde as condições de lucratividade fossem maiores. Isto implica em achar uma área onde o custo da produção fosse o mais baixo possível e a comercialização seguisse o mesmo ritmo de facilidade, de molde a ampliar a margem de lucro “. (PESAVENTO, 1980, p.81)”.
Dessa forma, o Rio Grande do Sul, assim como a região do Prata, apresentavam-se como as melhores áreas para investimentos estrangeiros, devido às reservas de gados e aos baixos salários dos operários. Desse período em diante, a Charqueada Santa Thereza passou a trabalhar em maior escala com o gado suíno e em associação com o capital inglês.

PERSONAGEM : VISCONDE RIBEIRO DE MAGALHÃES

O historiador local de Bagé, Cláudio Antunes Boucinhas, lembra que é quase impossível separar o estabelecimento Charqueada Santa Thereza do seu fundador Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães. Nesses sentido, é fundamental apontar aspectos importantes deste personagem que contribuem para uma melhor compreensão da história da charqueada.



Fig. 3: Fachada da Residência do Visconde de Ribeiro Magalhães

O Jornal *O Comércio*, datado de 1906 realiza uma homenagem ao Visconde de Ribeiro de Magalhães, indicado-o como um grande “*comerciante progressista*”, o qual transitou do emprego de comerciante à grande saladerista:

“Em 1906 possuía o mais importante estabelecimento de saladeiro, como todos os aperfeiçoamentos e maquinaria moderno, onde são abatidas anualmente noventa mil reses, no valor de mais de sete mil contos de réis, com mais de 800 empregados, possuindo além disso extensas e enormes campinas não só no Rio Grande mas também no Estado Oriental do Uruguai em cujas pastagens engorda cinqüenta mil reses” (JORNAL O COMÉRCIO, 5 de outubro de 1906)

Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães recebeu vários títulos e nomeações, entre estas podemos destacar : Cônsul de Portugal em Bagé, Visconde (1906) , Comendador da Real Ordem Militar Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa (1909).

Os jornais do período prestam muitas homenagens ao Visconde e chamam atenção para suas viagens à Europa, que totalizaram o número de duas, nas quais realizou “visitas a pátria Portugal” e “abasteceu” a Charqueada Santa Thereza com a introdução de raças refinadas de gado.

A partir dos jornais, podemos apreender também, algumas informações sobre o cotidiano da Charqueada, especialmente sobre a vida do proprietário. Nesse sentido, um dos jornais de época (*O Independente*) afirma que a família Magalhães “*nunca almoça ou janta sem estranhos na mesa (...)* onde se prova dos melhores vinhos de Portugal e da Espanha”.

A festas, recepções, construções e inaugurações realizadas pelo Visconde estão muito bem relatadas nos jornais do período, os quais, inclusive, chamam atenção para aspectos como: a ornamentação européia da Igreja construída na charqueada, ou ainda, aos cenários modernos, movidos por maquinarias do Teatro da Charqueada, o qual possui também, um pano para projeções de cinema.

A partir da leitura dos jornais é possível perceber a projeção do empresário na vida pública de Bagé, assim como, a importância da charqueada para o Estado do Rio Grande do Sul.

Visconde de Ribeiro Magalhães faleceu em 1926. Porém, foi decretada a falência da Charqueada em 1915, quando o capital inglês deixou de ser investido. Entre os anos de 1913 e 1924 a Charqueada permanece desativada e durante esse período, encontram-se algumas reportagens do Visconde reivindicando créditos e descrevendo a necessidade de conseguí-los. Após a morte do Visconde a charqueada passou para novos proprietários que restabeleceram seu funcionamento até os dias atuais, porém com outras denominações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O estudo da história da charqueada Santa Thereza contribui para um melhor entendimento sobre a história do Estado do Rio Grande do Sul na conjuntura dos séculos XIX e XX.

A partir desse levantamento foi possível verificar como práticas econômicas, políticas e sociais, emanadas do governo do estado e algumas de origem internacional atingiram um estabelecimento fabril entre os anos de 1897-1915.

Entretanto, o levantamento contribuiu também, para chamar atenção à necessidade de estudos que tenham por objetivo uma melhor compreensão sobre o funcionamento das charqueadas situadas no interior do Estado e cuja mão-de-obra é assalariada.

A partir do levantamento bibliográfico realizado, foi possível averiguar que a maioria da historiografia sobre charqueadas intensificou seus estudos sobre os estabelecimentos localizados próximos ao Porto de Rio Grande e baseadas na mão-de-obra escrava.

Assim, as charqueadas situadas distantes das áreas de escoamento da produção e cuja mão-de-obra foi o trabalhador livre merecem maior importância já que contribuem para uma melhor compreensão sobre a história do Rio Grande do Sul e sobre o processo de afirmação industrial no estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- [1] RÉMOND, René. O século XIX (1815, 1914) trad. Frederico Pessoa de Barros, col. Introdução à história de nosso tempo. : Cultrix, São Paulo, SP, 1974.
- [2] PESAVENTO, Sandra Jatahy. A burguesia gaúcha : dominação do capital e disciplina do trabalho (RS:1889 – 1830). Porto Alegre : Mercado Aberto, 1988.
- [3] BOUCINHAS, Cláudio Antunes. A história das charqueadas de Bagé (1891 – 1940) na literatura. Dissertação de Mestrado. PUC-POA, 1993.
- [4] PESAVENTO, Sandra Jatahy. República Velha Gaúcha : charqueadas • frigoríficos • criadores. Porto Alegre : Movimento, 1980.
- [5] CORSETTI, Vanda Rocha. A mão-de-obra e as condições de vida nas charqueadas em Santa Maria. Monografia de Especialização. UFSM, 1986